

Uma Rede sem fim: conclusões

Mais de quatro anos após ter conhecido a FAGAP e, por meio dela, os jovens de fanfarra, agora cá estou, frente ao computador, vendo-me na eminência de terminar minha tese. Sozinha, mais uma vez, às voltas com o processo de *escrever* a que me referi na introdução.

Muitos capítulos se passaram para dar *continuidade ao ver e ao ouvir*. No momento em que encerro a digitação destas últimas páginas, estou, mais do que nunca, ciente de sua incompletude.

Desejosa de mais páginas, pois gostaria de incluir outros aspectos que agora me lembro ou, talvez, de mais tempo para aprofundar esse ou aquele ponto... Seria muito bom se pudesse procurar outras informações, entrevistar outras pessoas... Ao mesmo tempo, lembro-me de que tenho aqui, neste computador em que digito, um material imenso que precisou ser excluído.

Na verdade, a despedida é difícil, mas preciso despedir-me da escritura de minha tese. Como um filho que sai de casa, mas que mantém os vínculos, hoje esta tese está prestes a sair e trilhar seu caminho.

Ela produzirá algum efeito que desconheço qual seja. Estará consolidando sua posição de *actante*, tornando-se mediadora. Talvez possa modificar o estabelecido e redirecionar acontecimentos, produzindo efeitos independentes de minha vontade. Não sei.

Mas sei que sua conclusão transformará a minha vida, assim como o seu início me deu novo rumo. Estamos, como sempre estivemos, imbricados na *rede*. Em uma rede na qual se fazem presentes a fanfarra, os jovens, seus instrumentos, minha orientadora, livros, viagens, Lotman, Abric, Latour, campeonatos, a PUC-Rio, os professores do Departamento de Educação... Uma rede que, por não ser estável, pode a qualquer momento redefinir suas relações, incluir novos elementos, transformando-se e configurando novas redes.

Assim, também, a banca examinadora, a tese em formato final, os leitores, a versão digital... modificarão a rede, tornando-a mais densa, ao mesmo tempo em que novas redes estarão sendo geradas.

Não sou hoje a mesma de 4 anos atrás, como os jovens da fanfarra também não o são.

Minha relação com a fanfarra e com os jovens não é mais distante ou mais próxima, é mais densa. O caminho percorrido algumas vezes me pareceu longo; outras, curto, mas certamente foi denso.

Tenho consciência e certeza de que não consegui descrever tudo o que vi e ouvi, nem tudo do que eu gostaria. Mas isso era previsto quando iniciei a pesquisa. Em toda pesquisa, isso costuma ocorrer, mas, nesta, parece-me que isto é acentuado, porque a fanfarra envolve muitas *performances*, muitos *textos* em que se inscrevem elementos com suas memórias e representações, muitos impossíveis de serem registrados na forma escrita.

A teoria com que dialoguei não me garante ter compreendido tudo o que vi, no entanto, certamente, me deu o suporte necessário para o percurso. Procurei apresentar memórias e representações dos jovens de fanfarra, enredando-as com outras memórias e representações ao longo dos tempos. Talvez tenha sido este um ponto forte da tese — ou seria mais uma pretensão minha?

Nesse tempo, também conheci melhor a cidade onde cheguei pela primeira vez — há 27 anos — e que reencontrei há cinco anos. Hoje conheço suas *raízes históricas* e seu *espaço urbano*, considerado de grande valor histórico. Em Lorena, elementos materiais e simbólicos servem como referência, contribuindo para diferentes experiências assimiladas e vividas por seus habitantes.

Na cidade, existem inúmeros espaços constituídos por diferentes práticas — resultantes de ações individuais e coletivas —, que, por seus usos e representações, configuram aspectos culturais de relevante significado na integração de uma sociedade e constituem recursos educativos, embora nem sempre reconhecidos como tais. Neles, incluo o espaço da FAGAP.

O processo de formação da sociedade compõe-se de inúmeras relações. No espaço urbano, concentram-se diferentes culturas que se interceptam, configurando uma relação entre diferentes espaços e práticas culturais. Em torno de uma mesma atividade, grupos de jovens constituem redes de amizade em função não apenas de escolhas pessoais, pois a disponibilidade do grupo está relacionada com o *entorno social imediato*, ou seja, com a localização espacial e a inserção na estrutura social. Estou fortemente inclinada a pensar que é esse o caso do espaço da Fanfarra, porque, para mim, esse espaço pode ser considerado como um *lócus* desse processo, isto é, pensado como um lugar social que configura uma rede de trocas, que transforma costumes e expectativas.

Enquanto procurava reconstituir a história da FAGAP, percebi a necessidade de investigar suas *matrizes culturais*, especialmente, de suas *matrizes européias*. A ampliação de estudos das matrizes desses grupos, embora fugisse à proposta inicial de meu estudo, fez-se necessária para o cerne de minha pesquisa, pois a perspectiva histórica das bandas e fanfarras permitiu a compreensão de diversas traduções da tradição realizadas ao longo dos tempos.

Estamos cercados por tradições, mesmo quando não nos damos conta disso. Embora algumas pessoas afirmem que não gostam de tradições e manifestem ações em que

procuram deixar visível seu rompimento com elas, não o conseguem. Isto ocorre porque todos estamos imersos em tradições, haja vista que o entorno cultural interfere na vida de cada um e, a todo momento, estamos, de alguma forma, traduzindo tradições.

Durante toda a pesquisa, procurei seguir a rede que sustentou a fanfarra desde tempos remotos aos dias de hoje. Circulei, fisicamente ou não, por tempos e lugares antes desconhecidos para mim. Pude observar que a história da fanfarra está imbricada não apenas com a dos homens, mas também com a dos objetos. As mudanças nos instrumentos, tanto quanto as políticas e as sociais, a fizeram e fazem tomar novos rumos.

O levantamento histórico que realizei, apresentado de modo sintético em um dos capítulos da tese, talvez possa ser um referencial de partida para outros estudos. Ressalto a importância de que outras pesquisas, especialmente as centradas na etnomusicologia e na microistória, explorem o tema, aproximando-se desse universo, pouco conhecido e estudado.

A pesquisa que realizei não foi uma tarefa simples, pois a História das bandas e fanfarras não mereceu um registro contínuo ao largo do tempo. Entretanto, o seguimento dos dados obtidos permite observar que há certa continuidade na história das bandas e fanfarras, o que não significa que não existam momentos de grandes transformações, pois aprendi que os dinamismos de uma cultura são uma construção pendular, pendendo ora para a presença de uma novidade, ora pela manutenção de uma continuidade.

Mesmo os acontecimentos mais recentes não fazem jus a uma rotina de comentários, possivelmente, pela pouca visibilidade dada às atividades desses grupos.

As bandas e fanfarras não resultam de um processo único e acabado. Suas origens são difusas, não podendo ser situadas em local e época determinados. Certos aspectos, hoje apontados pelos seus integrantes, embora possam ser pertinentes, estão mais no campo da idealização e não podem ser considerados determinantes de sua gênese.

De qualquer forma, não existe a certeza, mesmo para o historiador, de estar reconstituindo e significando um único passado. O que resgatei é uma possibilidade, dentre inúmeras, para a leitura do passado. Mas, dentro de meus limites e possibilidades, creio que consegui aproximar-me, ao máximo, de uma resposta satisfatória para os objetivos do meu estudo: a contextualização histórica de determinados pontos que contribuíram para a compreensão de seus valores, tradições, símbolos, entre outros aspectos, do grupo estudado.

Os tempos mudaram e, de rede em rede, a fanfarra também mudou. Hoje luta para manter-se em foco, pois, apesar de contar com um público cativo, não tem o alcance de outrora. De vez em vez, apresenta-se na concha acústica na mesma praça onde, outrora, no coreto, as tradicionais

bandas de música atuavam regularmente.

Ao mesmo tempo em que o passado se faz presente na fanfarra, o presente vislumbra o futuro. Se antes freqüentou salões e circulou pelas praças e ruas em festas religiosas e profanas, hoje participa de campeonatos e esporádicas apresentações. A fanfarra que esteve presente em momentos históricos, hoje está em outros que, embora possam não ter sido registrados pelos historiadores, conservam uma viva tradição, que, renovada, hoje, fortalece e movimenta inúmeros jovens no país.

Tradição não é repetir, é conservar. E isso fazem esses jovens, na minha opinião, muito bem. Enfrentam dificuldades, cogitam desistir, mas persistem. Isso lhes permite passar por significativas experiências, no âmbito das competições, no dos ensaios bem como em outros espaços. Aprendem também que o empenho e a persistência são fundamentais, assim como autonomização, alianças, a representação pública e a mobilização no mundo.

Vejo fanfarras presentes em diferentes regiões geográficas, em diferentes espaços, adquirindo múltiplas características, em geral espelhadas na sua aparência e, poucas vezes, em seu repertório.

Hoje, a transmissão cultural das bandas e fanfarras já não é mais um componente forte como no passado. A transmissão cultural ainda se faz por gerações mais velhas, não mais necessariamente os pais dos jovens da fanfarra. Mas também é assumida pelos próprios jovens que atraem novos integrantes e os acompanham na sua inicialização.

Na fanfarra, se aprende com os mais velhos, com os da mesma idade e com os mais novos. Ela é um lugar para diferentes idades, assim como também o é para pessoas que vivem em diferentes condições, o que possibilita perceber a existência de diferentes situações socioeconômicas. A fanfarra também não distingue os gêneros, abrigoando a todos, indistintamente em seus segmentos. Não que isso se faça sem nenhum preconceito, mas certamente ocorre com o reconhecimento da importância do outro. O centro da fanfarra é a arte, e seu objetivo é sagrar-se nos campeonatos, corroborando o valor de sua *performance*.

A imitação e a repetição fazem parte do processo de aprendizagem. Os maestros e coreógrafos se apropriam de metodologias específicas, em contato com outros maestros e coreógrafos de diferentes bandas e fanfarras. Isso acontece por vezes de modo informal, outras, formalizadas por eles próprios em eventos e cursos que organizam.

Por meio do diálogo com diferentes autores, procurei refletir sobre a prática e a transmissão cultural da fanfarra. O estudo da fanfarra sob uma perspectiva interdisciplinar, em que considere a rede, segundo Latour, na qual são consideradas as aproximações entre os humanos e não-humanos, contribuiu, sob diferentes perspectivas, para o estudo da utilização dos objetos pelos integrantes da Fanfarra, como se dá a sua aprendizagem, o impacto que podem ter performance do grupo, etc.

Vi baquetas marcando o ritmo no banco de bicicletas, bocais soprados frente a paredes, bandeirolas girando... movimentos imitados e repetidos incessantemente... *performances* que garantiriam a efetiva participação na fanfarra.

Durante todo o tempo da pesquisa, constatei a criatividade coletiva, haja vista que se tratava de um grupo de pessoas imaginando novas formas de atuação, procurando modificar seus entornos. As práticas desenvolvidas incluíam a busca de novos suportes e revelaram imaginação, ao mesmo tempo em que referenciais da cultura e da memória estavam presentes.

Das dificuldades que tive, nos quatro anos em que acompanhei a FAGAP em suas atividades, ainda que não em todas, mas, nas que estive, a primeira foi a de penetrar em um mundo completamente novo para mim, do qual eu nada sabia, absolutamente nada. A outra foi explicar por que estava ali por tanto tempo, por que meu trabalho demorava tanto para ser concluído. Afinal, em que eu iria me formar? Para a maior parte deles, eu fazia uma monografia como faria a prima, o irmão ou alguma outra pessoa conhecida. E ninguém leva tanto tempo para fazer uma *monografia*...

Com a tese pronta, voltarei apenas para revê-los... Já tenho um encontro marcado. Creio que poderei desfrutar mais da música, dos movimentos da baliza e da comissão de frente, pois já não tenho mais a preocupação de memorizar, anotar... Mas irei também para dizer-lhes de minha tese. Uma tese que não é só minha, é um pouco de cada um que, em diferentes tempos e espaços, me ajudou a construí-la, mas que é, sobretudo, dos jovens de fanfarra com os quais convivi nos últimos anos.

Desde que comecei a pesquisar sobre fanfarras, muitos colegas, alguns apenas *conhecidos de vista*, mas cientes do tema de minha pesquisa – desde que a apresentei no Seminário para Pós-Graduandos, um evento interno realizado na PUC-Rio –, encontravam-me e perguntavam. *E a fanfarra?*

Muitos trouxeram sugestões e se lembraram de mim quando viram e ouviram uma banda tocar – ou seria uma fanfarra?

E eu, terei me transformado na doutoranda da fanfarra? Certamente, além do que adquiri no âmbito acadêmico, conheci muitas pessoas e um mundo completamente desconhecido. Já não sou a mesma!

Os Jovens da fanfarra também! Eles mudaram... Alguns, acompanho há quatro anos e, ao longo desse tempo, trocaram de sapato e de uniforme, porque cresceram. Mas as mudanças não foram apenas físicas. Em muitos deles, não foram poucas as mudanças que presenciei e registrei.

Por exemplo, o filho do maestro e da coreógrafa, quando apenas estava em fraldas e usando carrinho e cercado. Atualmente, já marcha à frente da fanfarra com uma corneta na mão, embora ainda não saiba tocá-la. Outras crianças que, antes pequeninas, quase

desapareciam por detrás dos instrumentos que tocavam e entre os quais corriam, agora, já não correm mais nos intervalos, preferem trocar olhares e conversas uns com os outros. Muitos agora namoram, possivelmente, em breve, alguns casamentos possam acontecer, o que é comum no meio de bandas e fanfarras. E, mais adiante, outras crianças estarão correndo em torno de cornetas e bandeiras, atraindo outras, cujos pais não sabem o que é uma fanfarra. Penso que isso é a representação do ciclo da vida.

Há jovens que saíram da fanfarra e, às vezes, os encontro quando caminho pelas ruas da cidade. Alguns como músicos profissionais, eventualmente, estão na universidade; outros tomaram diferentes rumos, mas todos sempre lembram que na fanfarra aprenderam muita coisa, sobretudo, a responsabilidade e a importância do trabalho em conjunto. Dois ou três deles chegaram a iniciar um trabalho de formação de novas fanfarras em escolas. Mas o projeto não foi adiante. Chegaram a trabalhar um mês, mas não receberam a prometida ajuda de custo. Precisaram, assim, buscar outras atividades.

No que concerne aos estudos sobre a juventude, deve-se priorizar conhecer os efeitos educativos de inúmeras práticas que contribuem para gerar aprendizagens, quer intencionalmente, quer não intencionalmente.

Na fanfarra, cada jovem vive um conjunto de experiências. A incorporação de *performances* lhe indica modos de ação e comportamentos adequados, prioritários para os integrantes e para a manutenção da organização do grupo. Isso permite a sobrevivência da fanfarra.

Se a tarefa de educar não está restrita a determinados espaços e tempos, precisamos conhecer e promover situações em que isso possa acontecer. O jovem precisa de oportunidades variadas. Oportunidades que os atraiam, haja vista que nem todos gostam de fanfarra, como nem todos gostam de futebol ou de basquete — como disse o maestro da FAGAP.

Precisamos estar atentos ao que acontece em nosso entorno e, cada vez mais, olhar para a educação em diferentes espaços. Muitas iniciativas educativas sucumbem por falta de estrutura, de manutenção. Portanto, nesses casos, dar-lhes apoio é fundamental.

Os jovens da fanfarra não faltam aos ensaios, não gostam de tudo o que ouvem ou do que precisam fazer, mas reconhecem a necessidade da disciplina para o alcance de suas metas. Por isso, estabelecem valores e conhecimentos, consolidam relacionamentos em torno de interesses comuns.

Participar da fanfarra também contribui para que os jovens posicionem-se diante de si mesmos, do grupo e da própria cidade em que vivem.

A fanfarra mudou. Hoje dificilmente entra nos salões, embora ainda possa ser vista em alguns poucos eventos de maior expressão. Em alguns lugares, prossegue acompanhando eventos religiosos, em outros, está presente

em momentos solenes... Continua presente junto a “reis e rainhas”, mas já não acompanha mais as batalhas.

Mas a sensibilidade e o desejo de reconhecimento, natural de todo artista, permanece tanto no corpo musical quanto no coreográfico. No âmbito em que se insere a FAGAP, são as competições que servem para divulgar suas atividades e mantê-las ativas. E, além disso, o fator de maior desafio para os jovens é, sem dúvida, o desafio.

Bandas e fanfarras de jovens são realidade ainda no Brasil e em muitos países, embora, às vezes, engessados nos nossos “mundinhos”, não consigamos perceber que isso acontece. Não encanta a todos, mas certamente encanta a muitos.

Talvez, ao estudar este tema, eu tenha exatamente querido trazer para o espaço acadêmico e, mais especificamente, da educação um universo muito pouco estudado — pretendendo contribuir para o despertar do interesse de outros pesquisadores, aos quais sugiro que intensifiquem pesquisas sobre práticas de jovens em ambientes como os das bandas e fanfarras, onde os estudos ainda são incipientes —, pois há jovens em práticas culturais outras do que aquelas em que são considerados transgressores!

Penso que uma das possibilidades de significância de meu trabalho seja ter dirigido o foco para esses jovens, procurando que sejam vistos além das fronteiras em que estão inseridos, servindo como um filtro tradutor das suas *memórias* e *representações* para outras *semiosferas*, trazendo-os da periferia para o núcleo central, tal como deveria ocorrer em seu convívio cívico.

Neste momento, não preciso mais me preocupar se estou envolvida com a fanfarra na medida certa, porque agora sei que estou envolvida densamente. Mesmo que eu não a visse nunca mais, mesmo que amanhã a FAGAP não exista mais, as marcas dela estarão em mim.

Chego ao final de meu trabalho com a certeza de que há muito mais o que se estudar sobre jovens de fanfarra e, também, sobre outros grupos de jovens. Durante meu percurso, precisei deixar caminhos que gostaria de ter percorrido... talvez o faça, talvez outros o façam.

Lorena – Rio de Janeiro – Lisboa
Março de 2003 - Abril de 2007